

Jorge Pelicano

O interior, de Novo



O dia 24 de Outubro de 2009 certamente que perdurará por muito tempo na memória de Jorge Pelicano. Ao final da tarde esteve presente na cerimónia de encerramento do DocLisboa, onde, na Competição Portuguesa, recebeu os galardões de melhor Longa-Metragem e Melhor Montagem e o Prémio IPJ Escolas. De seguida deslocou-se para Seia, onde o CineEco lhe atribuiu as três principais distinções do certame de 2009 – Grande Prémio do Ambiente (Campânula de Ouro), atribuído pelo Júri Internacional, Grande Prémio da Lusofonia e Prémio Especial da Juventude. A obra responsável por esta chuva de prémios chama-se Pare, Escute, Olhe e reflecte sobre o isolamento a que tem vindo a ser votada a região de Trás-os-Montes tendo como ponto de partida a desactivação da Linha do Tua. Conseguirá o novo documentário repetir o impacto verificado há três anos com Ainda Há Pastores? (também distinguido no CineEco como melhor produção lusófona). A questão não parece preocupar Jorge Pelicano, que acedeu a responder a algumas questões que lhe foram colocadas pelo S21. Quanto ao público, poderá começar a seguir a carreira de Pare, Escute, Olhe já a partir do próximo dia 12, data em que o filme regressará ao Cine-Teatro de Seia.

O seu primeiro documentário foi um fenómeno mediático e recebeu perto de uma dezena de galardões em todo o mundo. Pare, Escute e Olhe arrebanhou seis prémios no espaço de poucas horas. A carreira desta nova obra poderá ser semelhante à de Ainda Há Pastores?

Os prémios são o reconhecimento do nosso trabalho. Mas o mais importante é que a sociedade civil reflecta sobre o que se está a passar em Trás-os-Montes e no Tua e se una para salvar aquele património. A

identidade única daquele povo e daquela região.

O que é que faz com que os seus documentários impressionem tanto quem os vê? A técnica, a mensagem, a temática...? O que é que o distingue como realizador?

Só os outros podem dizer... Para mim o documentário é a forma mais profunda de se abordar uma realidade, tem outro tempo, outra envolvimento diferente das reportagens que faço para a SIC. Geralmente só tenho duas semanas para a fazer, enquanto que Pare, Escute, Olhe, demorou dois anos e meio.



Portugal tem imensos temas para retratar. Gosto muito do interior do país, talvez por ter nascido e vivido no litoral. Vivo intensamente os trabalhos, talvez seja isso que melhor me caracteriza.

O seu primeiro documentário vivia muito de uma personagem, um "actor" que de certa forma rebocou a narrativa. Sentiu-se tentado a repetir a mesma fórmula?

Cada trabalho é um trabalho. A estrutura narrativa constrói-se de acordo com cada realidade. Embora estivesse também a retratar a interioridade e o despovoamento,

S21

aqui estamos a falar numa área geográfica de 133km e muitos mais intervenientes.

Tem dito que o principal objectivo do seu novo filme é ajudar à reabertura da Linha do Tua. Julga que o cinema deve ser militante? Sente-se como um paladino de uma causa?

Não há fórmulas certas para se trabalhar em documentário. Aos poucos fui-me envolvendo, sempre achei que estava a trabalhar numa causa, estava a dar voz a todos aqueles que normalmente a não têm. E isso é bastante motivador. Penso que consegui pôr as pessoas a reflectir, a parar, escutar e olhar.

O documentário por si só não vai conseguir, acho que têm que ser todos juntos a lutar para que isso não aconteça, todos temos que reflectir. E quando digo todos, são também aqueles que decidiram fazer aquela barragem e vão fazer submergir aquele património que é a linha do Tua e o vale. Aquele património não é só das pessoas que vivem lá, é de todos os portugueses, e acho que se há alternativas para buscar outras energias, temos que ir por essas alternativas, porque o progresso não é só destruição.

Com o Ainda Há Pastores? focou o olhar sobre a Serra da Estrela. Agora virou-se para Trás-os-Montes... Nasceu no litoral e julgo que decorreu aí o seu processo de crescimento como pessoa. O que é que o levou a interessar-se tanto pelos problemas do interior do país?

Queria falar de despovoamento. Percorrer as linhas ferroviárias que têm sido encerradas nestes últimos 20 anos é falar de despovoamento. Quando se encerra significa que já não há gente para o comboio transportar. Depois do anúncio da construção da barragem de Foz-Tua e os quatro acidentes na Linha do Tua obrigaram-nos a documentar apenas esta linha.

Há três anos viu o "Pastores" ser recusado pelo DocLisboa. Agora foi seleccionado e levou todos os principais prémios da competição nacional. Também gosta de servir a vingança como um prato frio?

Não vamos falar nem gosto de vingança. Há três anos fui recusado no DocLisboa porque na altura não tinha currículo, nem produtor.

Ganhar três prémios foi uma surpresa e deixam-me extremamente satisfeito, mas também muito feliz por aquela realidade ter tocado nas pessoas. Fiquei feliz também por ter voltado ao CineEco, o primeiro festival em que participei e lançou Ainda há pastores?, e voltar a ver o meu trabalho reconhecido.

O regresso de Sarama(r)go

da hipocrisia, da estupidez e da inveja costumeiras.

Saramago voltou a editar um livro. Saramago, do alto da liberdade dos seus quase 87 anos, voltou a meter-se com Deus. E com a Bíblia. E, valha-nos Deus, nem é preciso ter fé para acreditar que “isto” ia dar confusão. Saramago, depois de uma Viagem montado num pachorento, e até ternurento, Elefante, muito associada ao susto de morte que apanhou, voltou ao “dantes” para dar vida a Caim e ao seu velho conflito com a Igreja e com muitos daqueles que assinam a opinião publicada.

O escritor questiona-se sobre qual a razão por que desperta tanta indignação e antipatia. Enfim, Saramago poderá ser muitas coisas, mas nunca será santo. E sabe que se põe a jeito. Afirmando que “o Deus da Bíblia não é de se confiar, é má pessoa e vingativo” e, para o caso de existirem dúvidas, acrescentar que “a Bíblia é um manual de maus costumes, um catálogo de crueldade e do pior da natureza humana”, não é discurso que gere muito consenso, muitos aplausos ou muitos amigos.

A legião nacional de comentadores, desde Miguel Sousa Tavares a Marcelo Rebelo de Sousa, Domingos Amaral e até Frei Bento Domingues, denunciou Saramago como especialista de marketing e vendas. A acusação é demasiado óbvia e simplista, muito no registo de comentário de café. Sabia a pouco, ficar por aqui! Saramago desde há muito que vende bem.

Ora, todos sabemos que nos últimos tempos, em Portugal, tem vindo a impor-se entre os comentadores (e não só) uma espécie de competição da violência sem limites, mormente quando está em causa o ataque pessoal e o destruir o outro. Saramago provou o impiedoso bastão de Vasco Pulido Valente: “São ideias de trolha ou de tipógrafo semianalfabeto”. Valente, imparável, acrescentou que “Saramago está mesmo entre as pessoas que nenhum indivíduo inteligente em princípio ouve”. Nesta competição de “quanto mais bato, melhor comentador sou”, Alberto Gonçalves, que é conhecido por bater sem dó nem piedade,

chama Saramago “ignorante” e diz que “a boçalidade coexiste bem com a manha empresarial”, classificando de “irrelevâncias e disparates” as declarações de Saramago. Outros, menos famosos, falaram “de acentuada senilidade e ódio de foro psiquiátrico”. Também não justifica a fama um desconhecido deputado do PSD no parlamento europeu, que procurou os seus 15 minutos de esplendor ao firmar sobre Saramago que tem “vergonha de o ter como compatriota” e pedindo ao habi-



tante de Lanzarote para renunciar à sua nacionalidade – uma cópia de Sousa Lara que, por definição, é sempre pior que o original.

Deus, na sua infinita bondade, perdoará tanta estupidez.

Quando o palco se transforma num ringue e cheira a chinfim que até pode dar sangue, é coisa

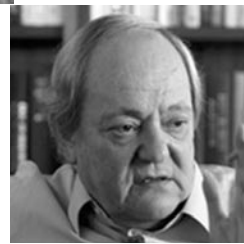


certa que “o circo” não pode parar: entrevistas especiais e debates em prime-time televisivo, capas de jornais e muito frenesim na blogosfera, mais um espedaço onde não há limites para o que quer que seja e muito menos para a impunidade, onde o escritor e os da Igreja lá foram defendendo as suas ideias com Saramago, num gesto pouco inocente de humildade, a reconhecer que ao ter chamado “filho-da-puta” a Deus se tinha “excedido”.

Apesar do tamanho do ruído, apesar do elevado número de protagonistas, a velha e sempre lusa inveja não consegue deixar de aparecer. Saramago é um Português com sucesso no mundo e isso para muitos portugueses, em vez de provocar orgulho, provoca ira. Não faltam casos recentes de portugueses com sucesso no estrangeiro mal-amados na sua pátria, com especial destaque para os patriotas que escrevem nos jornais: desde Amália, passando por Figo, Mourinho e Ronaldo,



e até mesmo Mariza! José Saramago escreveu livros que são considerados por muitos e em muitos lugares como obra-primas e por isso vende milhares de cópias em quase todo o mundo. Saramago é prémio Nobel. Muitos, por cá, não lhe perdoaram ter sido publicamente imortalizado



pela academia sueca. Pulido Valente, nos seus comentários, não conseguiu esconder o seu lado “tuga”: “claro que Saramago ganhou o prémio Nobel, como vários camaradas que não valiam nada” e deixou contente “a saloioce portuguesa que delirou com a façanha”. Alberto Gonçalves também deixou escapar o seu incómodo ao escrever que Saramago não merece uma reacção de gente civilizada “por muito que o Nobel lhe dilate o ego”. E

mesmo Sousa Tavares, embora mais contido, não deixou de referir que Saramago, depois do Nobel, “é vaidade”.

Quase nunca ganhamos nada, quase nunca somos melhores em nada, mas quando um dos nossos chega lá, reagimos assim. Somos assim. Dói, mas somos assim há tanto tempo...

Numa daquelas coincidências em que a vida é fértil, António Lobo Antunes, que como não podia deixar de ser não gosta de Saramago e diz “que não existe”, editou, igualmente, o seu novo livro. Lobo Antunes, que muitos, entre os quais os da opinião publicada, dizem gostar, embora sejam menos os que compram os seus livros, muito menos os que o lêem e ainda menos os que o entendem, conseguiu que o país lhe atribuisse o estatuto do “injustiçado e coitadinho” que merecia o Nobel mas... não lho dão! Nós, portugueses cantores do triste fado, somos muito bons neste estado de (des)graça, que muitas vezes nos empurra para uma das nossas palavras mágicas: solidariedade.

Bem, convenhamos que não é uma solidariedade muito saudável! O drama não é o Lobo Antunes não ter recebido o Nobel, o drama é Saramago ter recebido o Nobel. Isto é, a felicidade era zero Nobel. Ambicionar dois prémios Nobel da literatura? Para quê? Os Portugueses não são felizes com o sucesso.

Lobo Antunes, que tal como Saramago também não é santo, que tal como Saramago – mais uma coincidência – também “fintou” a morte recentemente, na sua colecção de capas e entrevistas diárias, que às vezes chegam a ser capas e entrevistas por dia, declarou que se aproximou de Deus.

A ternura do autor *Que cavalos são aqueles que fazem sombra no mar?* descobriu agora “que a maior parte das pessoas são melhores do que eu”, comovendo a humilde humanidade lusitana que não evitou uma sofrida lágrima no canto do olho.

Interesseiros. Todos.

Vitor Neves

Amália Pop Hoje

Deixei de comprar discos há demasiado tempo – quando os vinis deram lugar aos CDs. E perdi, por isso, o magnífico (porque regenerador) hábito quotidiano de ouvir e fruir de boa música, como perdi também o costume de assistir a espectáculos musicais ao vivo. Contudo, há convites irrecusáveis. Numa bela tarde de Setembro, a nossa querida amiga Rita chegou a minha casa muito entusiasmada e munida de um amabilíssimo ultimato: acabara de resgatar cinco bilhetes para o então já esgotado primeiro concerto nacional que o projecto *Amália Hoje* iria dar no Centro de Artes e Espectáculos da Figueira da Foz, no dia 1 de Outubro, e exigia que a Lúcia e eu partilhássemos este seu programa com ela, o Hélder (evidentemente) e o Paulo. Fomos e gostámos – da companhia e do concerto.

Não pretendo nem posso participar no debate dos críticos musicais encartados que analisaram este arrojadíssimo projecto. Apenas escrevo o que vi, ouvi e senti. E vi, ouvi e senti que o grupo *Amália Hoje* deu, assumidamente, às clássicas canções de fado interpretadas pela imortal diva lusitana um tom *festiveiro* (a palavra não tem aqui um sentido depreciativo) pop anos 70 ritmado por uma cadência electrónica e uma densa orquestração, onde não é já perceptível distinguir qualquer indício do seu estilo musical original. Refira-se que em nenhum momento se escuta o mais ténue acorde da guitarra portuguesa. Com efeito, ao ouvir as músicas que



temporâneo ocorrido na Figueira da Foz, onde se viam várias famílias de pais e filhos, recordo hoje o belo acompanhamento dos *Amália Hoje* por um harmonioso coro constituído por sete ou oito vozes e pela competente orquestra sinfónica nacional da República Checa que, no entanto, se sobrepunha às vozes dos três cantores, Sónia Tavares (*The Gift*), Paulo Praça (*Plaza*) e Fernando Ribeiro (*Moonspell*) – problema que julgo ser sobretudo imputado às imperfeitas condições acústicas da sala. Lembro hoje, a ligar e a contextualizar as sucessivas canções, os diálogos despreziosos, bem-humorados e intimistas mantidos entre os quatro membros do grupo, sempre coordenados pela voz melada do Nuno Gonçalves (*The Gift*), sem dúvida o grande comunicador do grupo e o mentor do projecto. Repetia ele, a certa altura, «uma vez estava em Madrid sem nada para fazer quando resolvi pesquisar na internet...». Ao que a Sónia Tavares replicou: «quem te estiver a ouvir deve pensar que tu não trabalhas e passas a vida na internet». Não esqueço hoje o momento que foi para mim o mais alto da noite: a belíssima versão original em tom intimista de uma canção inédita da Amália resgatada do esquecimento, chamada «Solelidad», onde a voz vigorosa e andrógina da Sónia Tavares foi soberbamente acompanhada pelo piano do Nuno Gonçalves e pela guitarra acústica de outro músico da banda, canção essa que depois evoluiu para um clímax imponente modelado pelos já referidos coro e orquestra. Recordo hoje a graciosa presen-

ça em palco de Paulo Praça que nos demonstra que cantar é também a arte de representar. E, por fim, seria injusto terminar esta prosa sem evocar hoje o jovem e ilustre desconhecido músico que assegurou a primeira parte do espectáculo. Refiro-me ao David Santos, cuja simplicidade, qualidade melódica e originalidade da sua música quase minimal (onde o seu lúgubre brado debitado em língua inglesa pairava sobre uma guitarra acústica, um xilofone e uma melódica que emitiam sons perpetuamente repetitivos) importa destacar, como também interessa evidenciar a sua jovem prima e artista gráfica, a qual ia desenhando com uma simples caneta preta, num traço figurativo *naif* plasmado sobre uma folha de papel digital projectada numa tela disposta por detrás do cantor, os sentimentos e emoções acabados de sair das suas canções.

Gostei do espectáculo. O projecto *Amália Hoje* é interessante, relaxante, provido de uma originalidade revivalista e descaradamente pop, ainda que porventura demasiado audacioso. Talvez por isso regressei a casa com uma dúvida, quicá injusta, a ecoar no meu espírito: será que a fadista Amália, falecida há dez anos, teria gostado desta homenagem? Suspeito que a resposta a tal questão é hoje tão controversa quanto impossível de augurar.

Obrigado Rita, por nos teres proporcionado, a mim e à Lúcia, este belo momento. Pela minha parte clamo: *encore!*

Luís Filipe Torgal

O último Radialista



Foto: Rita Carmo

- Olá Peel...

Havia quem, por gracejo, dissesse que John Peel era “o António Sérgio inglês”. Se tal só poderia ser dito por anedota – Peel era onze anos mais velho e tinha como palco as Ilhas Britânicas, centro mundial da música pop – também é certo que já há muitos anos que António Sérgio não precisava de qualquer comparação para fazer valer o seu trabalho. Era o principal divulgador de música nova em Portugal, realizador de alguns dos programas mais emblemáticos que a rádio nacional conheceu, responsável maior pela formação musical de milhares de melómanos.

Com o *Rotação* (1977-80, Rádio Renascença) divulgou os primeiros nomes do rock português e “pescou” os Xutos & Pontapés, a quem produziu o primeiro disco, 1978-82, gravado pela sua própria editora, a Rossil; com o *Rolls Rock* (1980-82, Rádio Comercial) estreou-se na rádio onde viveu mais tempo; com o *Som da Frente* (1982-93, Rádio Comercial) levou às ondas hertzianas o som de centenas de bandas que desbravavam caminhos e inauguravam paradigmas pelo mundo, numa altura em que o conceito de “música alternativa” ainda fazia sentido; com o *Grande Delta* (1993-97, XFM) ocupou um espaço natural na rádio mais vanguardista e arriscada que o país conheceu (os The Sound Destroyers, de Oliveira do Hospital, chegaram a rodar por lá); com *A Hora do Lobo* (1997-2007, Rádio Comercial) regressou à casa onde fora feliz para chocar pela primeira vez com a realidade do fim dos radialistas e da rádio formatada – o programa foi cancelado por ter deixado de se enquadrar na grelha da estação; com *Viriato 25*

(2007-09, Radar FM) prosseguiu a sua missão de sempre – divulgar novas músicas e novos músicos, sempre tendo como pano de fundo uma intuição e um bom gosto inimitáveis e uma capacidade de pesquisa incansável.

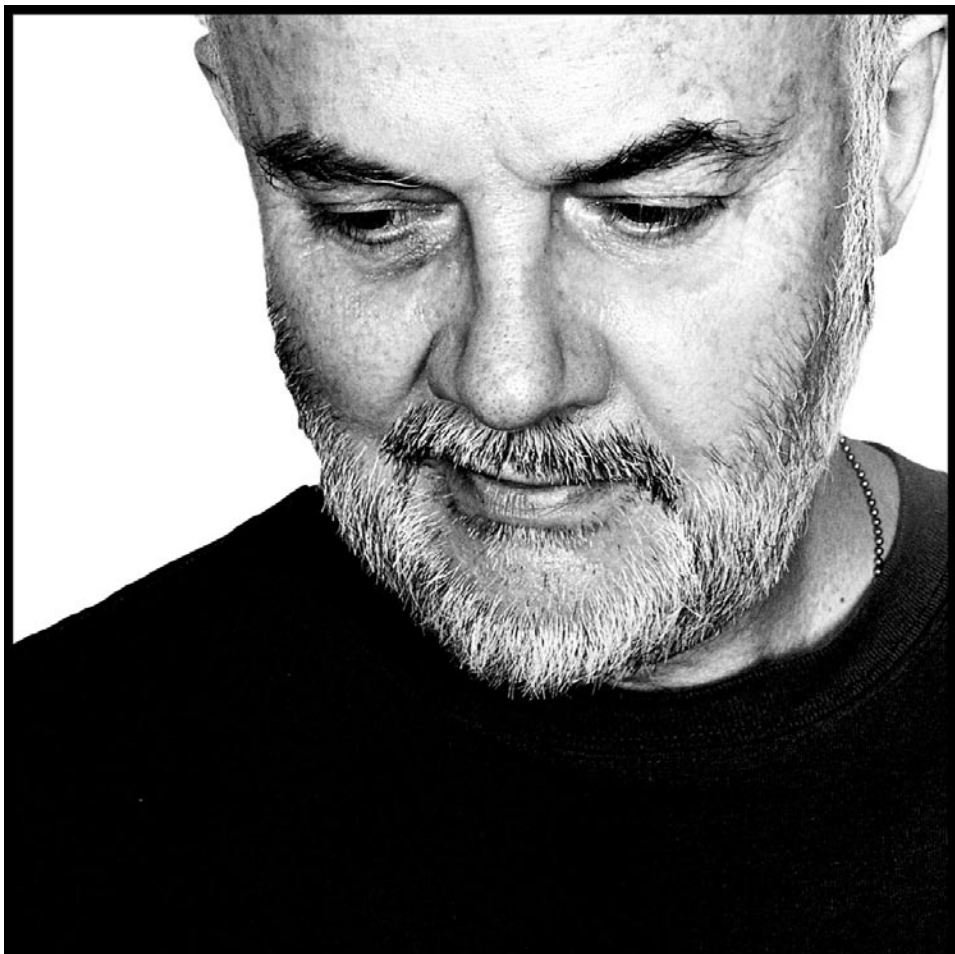
António Sérgio representava o radialista-autor, anterior ao império das *play-lists* – aquele que escolhe cuidadosamente as músicas que vai passar e imprime uma marca inconfundível aos seus programas. Zé Pedro chamou-lhe “um mestre da rádio e do conhecimento musical”, Álvaro Covões considerou-o “o último grande radialista vivo” e acrescentou: “se Portugal tem bom gosto, e por isso é que temos público que gosta de música alternativa, deve muito a ele”.

A carreira de muitos músicos portugueses foi apadrinhada por Sérgio – Rodrigo Leão recordou que foi com ele que fez a sua primeira entrevista; Zé Pedro confessou que era a única pessoa a quem os Xutos recorriam antes de gravar um disco, para “pedir conselhos ou opinião” sobre o seu trabalho; Adolfo Luxúria Canibal destacou o facto dos Mão Morta sempre lhe terem dado a conhecer os seus trabalhos em primeira mão.

Pouco antes da sua morte (a 1 de Novembro último, de ataque cardíaco), António Sérgio gravou em estúdio mais uma edição de *Viriato 25*, o programa da Rádio Radar que iria para o ar no início desta semana. Luís Montez, um dos proprietários da emissora, manteve a programação e o radialista despediu-se na noite de 2 de Novembro – foi o último uivo do lobo, o derradeiro mergulho no Grande Delta, a noite em que deixou de se rock’n’rollar.

Artur Abreu

O Legado de John Peel



- Hello Sérgio! Welcome...

SFPS001 *New Order*; SFPS002 *The Damned*; SFPS003 *The Screaming Blue Messiahs*; SFPS004 *Stiff Little Fingers*; SFPS005 *Sudden Sway*; SFPS006 *The Wild Swans*; SFPS007 *Madness*; SFPS008 *Gang of Four*; SFPS009 *The Wedding Present*; SFPS010 *Twa Toots*; SFPS011 *The Ruts*; SFPS012 *Siouxsie & the Banshees*; SFPS013 *Joy Division*; SFPS014 *The Primevals*; SFPS015 *June Tabor*; SFPS016 *The Undertones*; SFPS017 *Xmal Deutschland*; SFPS018 *The Specials*; SFPS019 *Stump*; SFPS020 *The Birthday Party*; SFPS021 *The Slits*; SFPS022 *Spizz Oil*; SFPS023 *The June Brides*; SFPS024 *Culture*; SFPS025 *The Prefects*; SFPS026 *Yeah Yeah Noh*; SFPS027 *Billy Bragg*; SFPS028 *The Fall*; SFPS029 *Girls at Our Best!*; SFPS030 *The Redskins*; SFPS031 *T.Rex*; SFPS032 *Tubeway Army*; SFPS033 *Joy Division*; SFPS034 *The Adverts*; SFPS035 *The Mighty Wah*; SFPS036 *The Triffids*; SFPS037 *Robert Wyatt*; SFPS038 *That Petrol Emotion*; SFPS039 *New Order*; SFPS040 *The Damned*; SFPS041 *Wire*; SFPS042 *Electro Hippies*; SFPS043 *Syd Barrett*; SFPS044 *Buzzcocks*; SFPS045 *Cud*; SFPS046 *The Very Things*; SFPS047 *Ultravox*; SFPS048 *Extreme Noise Terror*; SFPS049 *Napalm Death*; SFPS050 *The Cure*; SFPS051 *The Bonzo Dog Band*; SFPS052 *The Nightingales*; SFPS053 *Intense Degree*; SFPS054 *Stupids*; SFPS055 *The Smiths*; SFPS056 *Bolt Thrower*; SFPS057 *Half Man Half Biscuit*; SFPS058 *The Birthday Party*; SFPS059 *Lindisfarne*; SFPS060 *Echo & the Bunnymen*; SFPS061 *Family*; SFPS062 *The Room*; SFPS063 *Eton Crop*; SFPS064 *Nico*; SFPS065 *The Jimi Hendrix Experience*; SFPS066 *Siouxsie & the Banshees*; SFPS067 *Amayenge*; SFPS068 *Ivor Cutler*; SFPS069 *Unseen Terror*; SFPS073 *Carcass*.

Compilações SFRLP100 *The Sampler* SFRLP101 *Hardcore Holocaust* SFRCD119 *Too Pure* (Th’ Faith Healers, Stereolab, PJ

Harvey) SFRLP200 *21 Years Of Alternative Radio 1* SFRLP111 *Joy Division*

Outros SFRSCD016 or SFRSCD079 - *Tom Paxton Live In Concert* (recorded in London, England in 1971 and 1972, released 1998) SFRSCD035 - *Melanie - On Air* [taken from November 75 concert, with added sessions from 1969 & 1989] SFRSCD082 - *Inspiral Carpets* (1999) SFRSCD094 - *Joy Division* (2000) SFNT015 - *Icicle Works*

Estes foram os registos editados pela Strange Fruit Records, de entre as centenas de bandas convidadas para gravar uma sessão das John Peel Sessions da BBC Rádio 1. Algumas uma única vez... mas houve quem o fizesse 27 vezes (!). Todas tinham algo de novo para mostrar ao mundo. John Peel apercebia-se disso enquanto a novidade era novidade, sem hype, sem marketing. A certa altura, qualquer banda que ele citasse corria o risco de ser a next big thing. Nem todas o foram, mas o homem funcionava como um selo de qualidade garantida.

John Peel morreu há 5 anos. A ele e a todos os outros Anjos de Vanguarda que, em rádios piratas ou não, sem patrocínios de organizadores de eventos, editoras, refrigerantes ou champôs, mostravam ao mundo aquilo que achavam que merecia ser ouvido, o meu muito obrigado.

Nuno Santos



- Como é que se dança bem um samba?

- Sem nada na cabeça.

Seu Jorge, em resposta a Carlos Vaz Marques, no programa *Pessoal e Transmissível*, na TSF.

3 PISTAS

LETRAS

Acorda Tristessa



Desde 1998, ano da edição portuguesa de *Pela Estrada Fora*, de Jack Kerouac (a primeira foi em 1960, pela Ulisseia), que a Relógio D'Água tem vindo a desenvolver um excelente trabalho com a obra do seminal escritor norte-americano. Nestes últimos 10 anos foram lançados pela editora portuguesa 6 livros de Kerouac: *Pela Estrada Fora* (1998), *Big Sur* (1999), *Os Vagabundos do Dharma* (2000), *Os Subterrâneos* (2006), *Duluoz, O Vaidoso* (2008) e o mais recente *Tristessa* (2009).

O interesse por este período e escola norte-americanas tem vindo a aumentar em terras lusas, consubstanciado nas várias edições encontradas nas livrarias, sendo William Burroughs e Jack Kerouac os mais presentes. Falta um olhar mais atento à obra poética de Allen Ginsberg, apesar da presença do incontornável *Uivo*, editado pela Quasi, em 2002.

Feito o prólogo, eis que nos deparamos com *Tristessa* nas prateleiras das livrarias portuguesas, a história de uma *junkie* mexicana por quem o narrador (Kerouac, o próprio e sempre) se apaixona, contando-nos, em discurso directo, rápido, com o ritmo jazzístico que o caracteriza, as aventuras e desventuras desta conturbada relação. *Tristessa* é uma história de paixão, mas é também uma história de morfina em quartos decadentes numa decadente Cidade do México, onde humanos habitam em anarquia com galinhas e gatos, onde um chuto vale mais do que mil palavras, onde um chuto vale mais do que uma imagem que vale por mil palavras. *Tristessa* é o retrato frio, mas ao mesmo tempo terno, da decadência do consumo de drogas pesadas numa cidade à beira da ruptura. Mas é também, claro está, uma história de amor. Uma história de paixão por uma mulher (Tristessa) que aos poucos vai deixando de ser mulher, perdida que está num mar de vícios... Mas vício, vício é Kerouac, agora e sempre, com o prazer destemido e profundo de ler. *Tristessa* é mais um capítulo. Um belo capítulo.

Luís Antero

Tristessa, Jack Kerouac, Relógio D'Água, 2009

SONS

Canções POP e Gatos ao Borralho



Vamos imediatamente ao que interessa: os Cats On Fire têm dois discos até ao momento, *The province Complains* (2007) e o mais recente, e alvo deste texto, *Our Temperance Movement*; estão interessados em construir canções pop perfeitas, daquelas de 3 minutos e alguns segundos; são finlandeses, mas constroem canções pop de formato inglês; têm guitarras e lírica de fino recorte, inspirada pelos acontecimentos banais de um dia qualquer ou de todos os dias. Os Cats On Fire estão a marimbar-se para a estética conceptual dos seus discos, porque o que querem mesmo é conceber canções arrebatadoras, daquela (aparente) simplicidade belíssima a que os Smiths de Morrissey nos habituaram, o que conseguem, em abono da verdade, de forma exuberante e irrepreensível. Pronto, ok, confesso, estou apaixonado pela música dos Cats On Fire. Porque são bons músicos, porque me enchem a casa de nostalgia pop sem recorrer aos anos 80 ou 90 (se bem que devam mais às bandas de 80's do que de 90's), porque fazem uma pop moderna sem arriscarem muito (neste sentido deve haver muitos de vós que preferem o sentido de risco dos Dodos em *Visiter*) e não se dão nada mal com isso. No fundo, no meio de tudo isto, os Cats On Fire fazem canções, canções e mais canções sem grandes preocupações ou elaborações de ordem estética. Não é essa a onda deles. A onda deles é tocarem e cantarem para as nossas pernas e braços, para os nossos ouvidos, pois então, e para as nossas memórias do tempo do liceu em que beijávamos à pressa, envergonhadamente, atrás do pavilhão B, a rapariga dos nossos dias, enquanto o professor fan dos Pink Floyd aprovava a coisa e nos deixava entrar na sala de aula já depois do último toque. Enfim, os Cats On Fire são bons para ter à lareira (quando chegar a altura de acender), são bons para ouvir à chuva, ao sol, para levar para a praia ou para a Serra da Estrela, para enternecer ou extasiar, para dançar com a nossa amada, para recordar, porque recordar é viver e viver é um Sonho POP.

Luís Antero

Cats On Fire, *Our Temperance Movement*, 2009, Matinee

IMAGENS

Prenda de Anos



Quando se dá como conselho a leitura de um álbum de banda desenhada será mais adequado inscrevê-lo como pista para Ler ou para Ver? Um livro lê-se, mas um álbum tem muito para ver. O novo álbum de Astérix, então, tem muitíssimo para ver... e para olhar – ao longo das suas 56 páginas, apenas 34 são de banda desenhada e o resto do livro adopta uma estrutura que, mais do que apelar à leitura, convida o leitor a espriar o olhar pela imagem e a participar no imenso jogo de descoberta que norteou a elaboração do trabalho.

Astérix completou 50 anos no passado dia 30 de Outubro. O portal Google, por exemplo, não deixou de o assinalar. Alguns dias antes, a 22 de Outubro, precisamente às 00h00, foi lançado *O Aniversário de Astérix & Obélix - O Livro de Ouro*, numa mega-operação mundial que envolveu a edição simultânea de 3 milhões e meio de exemplares em 18 países diferentes.

O álbum foi concebido para funcionar como uma última evocação de René Goscinny, falecido em 1977, o magistral autor dos melhores argumentos de Astérix, de quem foram recuperados alguns textos inéditos ou pouco conhecidos; e como despedida para Albert Uderzo, o desenhador de todos os livros da série e responsável pelos textos desde a morte de Goscinny, tarefas que abandonará a partir de agora, quando já completou 82 anos. Ao longo das suas páginas desfilam todos os principais personagens que marcaram (uns nem por isso) as aventuras de Astérix e Obélix – mais de 400, segundo a informação dada à imprensa. Muitos dos álbuns anteriores são lembrados através da recuperação de algumas vinhetas, outras vezes é feita uma nova leitura de algumas cenas emblemáticas, por vezes recorrendo a uma variação “cinematográfica”, e são recriadas algumas obras-primas de pintura e escultura (de autores como Delacroix, Da Vinci, David e Arcimbold) tendo os gauleses como motivo.

Saindo da tradição do que é habitualmente a banda desenhada, Goscinny conseguiu, ainda assim, despedir-se de Astérix com a dignidade que o personagem merece. A ver...

Raul Pinto

O Aniversário de Astérix & Obélix - O Livro de Ouro, Goscinny e Uderzo, 2009

BREVES CULTURAIS

SEMPRE ACTUAIS

Petition, de Zhao Liang vence no DocLisboa. O realizador chinês foi distinguido com o principal galardão do festival de filme documental, o Grande Prémio Cidade de Lisboa, destinado à melhor longa-metragem da competição internacional. Nesta vertente, os outros prémios foram para *Mirages*, de Olivier Dury (melhor média-metragem); *10 min.*, de Jorge León (melhor curta-metragem); e *October Country*, de Michael Palmieri e Donal Mosher (melhor primeira obra). Na competição nacional, para além de *Pare, Escute e Olhe*, de Jorge Pelicano, foram premiadas as obras *Passando à de Zé Marôvas*, de Aurora Ribeiro (melhor curta-metragem) e *Entrevista com Almiro Vilar da Costa*, de Sérgio Costa (menção especial do júri).

Nobel da Literatura para Herta Müller. O mais prestigiado prémio literário do mundo foi entregue à escritora alemã de origem romena, de 56 anos. Nascida perto de Timisoara, Muller entrou em rota de colisão com o regime de Ceausescu no final dos anos 70 do século passado, tendo abandonado a Roménia e passado a residir na Alemanha em 1987. Os seus

dois únicos livros editados em Portugal são *O homem é um grande faísca sobre a terra* e *A terra das ameixas verdes*.

Hilary Mantel ganha Booker Prize. A escritora britânica embolsou o cheque de 50 mil libras que premeia a melhor obra do último ano escrita em língua inglesa graças ao romance histórico *Wolf Hall*, já considerado favorito desde que foram conhecidos os seis finalistas. O romance conta a história de Thomas Cromwell, conselheiro de Henrique VIII, e sucede a *O Tigre Branco*, do indiano Aravind Adiga.

O Olho de Hertzog vence o Prémio Leya. A segunda edição do prémio criado pelo conglomerado de editoras distinguiu o historiador moçambicano João Paulo Borges Coelho, que escreveu uma obra centrada no emergir do nacionalismo moçambicano. O prémio foi criado em 2008 e é atribuído a um romance inédito escrito em português, tendo-se tornado uma referência pelo valor monetário que lhe está associado – 100 mil euros.

Outros prémios literários... na roda-viva que foi a atribuição de pré-

mios literários no mês de Outubro merecem referência os Prémios PEN Clube Português e o Prémio Saramago. A sexta edição do prémio patrocinado pelo Nobel português distinguiu *As Três Vidas*, livro do jovem escritor João Tordo, que sucede a Valter Hugo Mãe. Quanto aos prémios PEN, a grande vencedora foi Maria Velho da Costa, que venceu na categoria de ficção com *Myra*. O prémio de poesia foi para *A Terceira Mão*, de Manuel Gusmão; e o prémio de ensaio para *Novos Ensaios Helénicos e Alemães*, de Frederico Lourenço, e *Kodakização e Despolarização do real – Para Uma Poética do Grotesco na Obra de Fialho de Almeida*, de Isabel Cristina Pinto Mateus.

Músicos contestam utilização das suas criações para tortura. O movimento junta dezenas de músicos provenientes dos REM, Pearl Jam, Nine Inch Nails ou Rage Against the Machine, entre outros, e surge na sequência da revelação de que a sujeição à audição prolongada de um mesmo tema num volume muito elevado foi uma das técnicas utilizadas nos interrogatórios aos prisioneiros de Guantánamo.

U2 em directo no YouTube. A banda irlandesa transmitiu em directo a totalidade do seu espectáculo de 25 de Outubro no Pasadena Rose Bowl, na Califórnia, tornando-se na primeira banda de dimensão planetária a fazer este uso do popular site de alojamento de vídeos. Entretanto, os bilhetes para as duas datas que a banda tem marcadas para Coimbra a 2 e 3 de Outubro de 2010 esgotaram em 6 e 4 horas, respectivamente.

Blitz comemorou 25 anos. A revista (mensal) que já foi um jornal (semanal) assinalou o quarto de século com um número especialíssimo onde passa em revista os últimos 50 anos da música portuguesa – os melhores discos de cada década, os locais míticos onde se ouvia música e as figuras incontornáveis dos anos 60 até hoje marcam uma edição de colecção que apresenta ainda uma belíssima colecção de fotografias de músicos portugueses feita por Simon Frederick e uma entrevista a Mariza conduzida por Francisco Pinto Balsemão. O Blitz nasceu em Novembro de 1984 e era então um pequeno jornal de 16 páginas. Siouxsie foi a figura

que ocupou 1.ª página do número inaugural.

Amália FM só dá fado. A mais nova estação de rádio portuguesa começou a emitir no dia em que se completaram 10 anos sobre a morte da mais intemporal das fadistas portuguesas e tem como slogan “a música é o nosso fado”. Programas de discos pedidos, actuações ao vivo de fadistas consagrados e de revelações e informação especializada integram a grelha de programas da estação, dirigida por Luís Montez.

Megafone 5 perpetua memória de João Aguardela. A iniciativa tomou o nome de um dos projectos do músico (Aguardela dizia que o Megafone havia de ter 5 discos, mas só editou 4) e tem como objectivo “celebrar, homenagear e difundir” o seu trabalho e as suas ideias. A sua materialização passa pelo site www.aguardela.com, onde estão disponíveis os seus trabalhos, pela criação de um prémio anual com o seu nome que distinga autores ou colectivos cujo trabalho se relaciona com a música tradicional portuguesa; e por um espectáculo, também anual, que servirá para a divulgação do prémio. No imediato, o Megafone 5 estará no Centro Cultural de Belém e terá a participação de A Naifa, Dead Combo, O'Questrada e Gaiteiros de Lisboa.